

instituição

Reportagem - Congressos da SOPCOM

Toda a comunicação num só lugar

Durante quatro dias o Pólo das Engenharias da UBI foi o epicentro das comunidades científicas lusófonas e ibéricas das ciências da comunicação.



O Pólo das Engenharias albergou os Congressos de Comunicação

Centenas de investigadores de vários campos das ciências da comunicação marcaram presença no III Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – SOPCOM – que decorreu na UBI, entre 21 e 24 de Abril. Composto por dois congressos: o VI Lusocom – Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação – e II Ibérico – Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação – “o que realmente decorreu foi um 3 em 1”, como elucida José Paquete de Oliveira, presidente da SOPCOM.

Manuel José Damásio, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, foi coordenador da mesa temática “Comunicação e Audiovisual”. A importância do tratamento multimédia de informação audiovisual, a forma como toda a comunicação audiovisual está a ser transformada através da integração de tecnologias da informação e da comunicação, e a percepção de que o ensino audiovisual em Portugal vive um processo cada vez mais acelerado de convergência necessária e inevitável com as tecnologias multimédia, foram alguns dos temas abordados nesta mesa.

Identidades, Teorias da Comunicação, Semiótica e Texto, Economia e Políticas da Comunicação, Retórica e Argumentação, Fotografia, Vídeo e Cinema, Novas Tecnologias, Direito e Ética da Comunicação, Estudos Culturais e de Género, Estética Arte e Design, Publicidade e Relações Públicas, Jornalismo, Opinião Pública e Audiências, Educação, Organização e Audiovisual, foram vastos e diversificados os temas que reuniram, no Pólo das Engenharias da UBI, investigadores da comunicação, essencialmente portugueses, brasileiros, espanhóis e alguns representantes de Moçambique, Angola e Guiné Bissau. As comunicações decorriam em simultâneo em cinco anfiteatros.

Eduardo Namburete veio de Moçambique. “Somos um país que está a dar o primeiro passo no ensino e no estudo da comunicação. Na frente do movimento está o Brasil, com 50 anos de experiência, e depois Portugal, com cerca de 25 anos”, conta. O investiga-

dor, também coordenador de uma mesa temática, vê o evento como uma “oportunidade de conhecer o trabalho dos colegas pesquisadores e transmitir o que se vem desenvolvendo”. Em relação à quase inexistente participação de pessoas do continente africano, Namburete aponta como causa o custo de deslocação.

Candidaturas excedem largamente comunicações

No espaço lusófono, os estudos jornalísticos são uma das áreas de maior vitalidade nas Ciências da Comunicação. O volumoso fluxo de trabalhos para congressos e outros eventos comprova-o.

No entender de Joaquim Fidalgo, da Universidade do Minho, os congressos funcionaram como um “enxuzilhar de estradas, um ponto de encontro formal e informal nesta comunidade vastíssima que se entende falando cada um a sua língua, sendo uma oportunidade de perceber que temos pontos semelhantes, acabando por se criar muitas teias de ligação que se prolongam muito para além do congresso propriamente dito”. Quanto às comunicações, o seu interesse recaiu especialmente sobre “alguns trabalhos empíricos muito interessantes acerca do funcionamento do jornalismo”, a sua área de investigação. “Começa a haver uma perspectiva portuguesa sobre os problemas da comunicação social”.

O sociólogo e ex-ministro da Educação, Augusto Santos Silva, presente na sessão plenária sobre “Comunicação e Identidades” que abriu o congresso da Lusocom, considera que o evento “pode ser acusado de muita coisa, mas de falta de diversidade não será certamente”. Para Augusto Santos Silva falar de identidades é falar ao mesmo tempo de dinâmicas sociais. Fora destas, as identidades “tornam-se presas dos vícios, identidades assassinas”. “É preciso colocar as identidades dentro das dinâmicas sociais, mas como produtoras de efeitos”, afirma.

O debate teve como ponto de partida o contributo dos media para a formação de uma identidade nacional. A temática das novelas e a influência que a televisão e a rádio desempenham na formação da identidade e no fortalecimento das

identidades regionais marcaram a sessão plenária apresentada pelos participantes brasileiros.

Lusocom dá lugar a Ibérico

Dois dias para brasileiros e dois para espanhóis. Portugueses sempre presentes. De novo o saltar de mesa em mesa. Agora a um ritmo mais calmo.

João Palmeiro, presidente da Associação Portuguesa de Imprensa (AIND), faz um balanço “muito positivo” do congresso da SOPCOM. “É o segundo a que tenho oportunidade de assistir com alguma continuidade”. O presidente da AIND deu o ponto de vista da indústria de produção de comunicação nacional. “Encontrei muitas reflexões, e estudos que podem ajudar a melhorar o estado actual da imprensa.” Com estes congressos, a indústria da comunicação, “só pode beneficiar”.

Durante a tarde de sábado decorreu a apresentação da Secção de Comunicação do Conselho da Cultura Galego, “um organismo público, mas independente do Estado, cuja função é fomentar e divulgar a cultura galega”, explica Xosé López, coordenador desta secção de comunicação.

É precisamente na Galiza, em 2006, que se realizam os próximos congressos Lusocom e Ibérico, em Santiago de Compostela e Pontevedra, respectivamente.

“Espaço Ibérico e Globalização” foi a temática escolhida para o encerramento do II Ibérico, reunindo nomes importantes do mundo académico e profissional, como Bernardo Diaz Nosty, director do Anuário de Comunicação em Espanha, Carlos Fernández Esteban da Universidade Complutense de Madrid, e João Palmeiro.

Balanço “mais que positivo”

Para António Fidalgo, presidente da Comissão Executiva dos congressos, o balanço destes quatro dias de trocas científicas sobre a comunicação resume-se à expressão “missão cumprida”.

Quanto aos congressos da SOPCOM, o objectivo, segundo José Paquete de Oliveira, presidente da instituição, é realizarem-se a cada três anos. O próximo terá lugar em Aveiro. Para o presidente da SOPCOM, “o congresso foi um êxito e superou todas as expectativas”. O sucesso, refere, estende-se não só à quantidade de participantes, cerca de 800, número “incomum em congressos de qualquer domínio científico”, mas também à qualidade científica, o que significa, para Paquete de Oliveira “por um lado a afirmação cada vez maior das Ciências da Comunicação em Portugal e, por outro, um progresso conjunto a este nível”.

ponto de vista

E já não há volta atrás



> Anabela Gradim

Cumpriram-se os 30 anos de Abril sem alarido nem sobressalto – alguma pastilha elástica, é certo – mas no geral com alegria e maturidade. E é um feito absolutamente espantoso que uma *evolução* de onde nunca se poderá apagar o R, com maiúscula e tudo, venha encontrar uma sociedade tão segura, pacificada, reconciliada mesmo com os seus piores fantasmas, e onde o espírito democrático, a alternância e a liberdade são aquisições irreversíveis. Esse feito, e todas as conquistas e progressos que a sociedade portuguesa conheceu nos últimos 30 anos, são motivo de irreprimível orgulho para todos os portugueses.

Não foi fácil. E tanto poderia ter corrido mal! Um golpe de extrema esquerda, ou um golpe de extrema direita, seguidos de guerra civil que muitos aliados externos se prestariam sem dúvida a apoiar e financiar, foram, como por milagre, evitados. Mas não foi um milagre. Foram os portugueses que às vezes, em horas críticas, revelam sobrenatural bom senso, e outras vezes, fazem bem, e Muito Bem, o que mais ninguém conseguiria fazer. É bom lembrá-lo, em hora de depressão colectiva, e quando a *res publica*, nas notícias que todos os dias nos chegam, parece cada vez mais opaca e lamacenta. Será? Decadência, ou investigação e justiça a funcionar? Daqui a 10 anos saberemos, pois há coisas que só à distância podem ser devidamente avaliadas.

O próprio *descuidocom* que as gerações que nasceram no pós-25 encaram a data, e que tem de negativo a *incultura* que quereríamos hoje vencida pela escola para todos, é também um sinal dessa normalidade democrática que se instalou na vida pública e nas instituições – e assim, nesse especialíssimo sentido, de certa forma um sinal positivo. Claro que nenhum povo sobrevive sem memória, e que a tarefa de recordar, e avaliar, e serenamente ensinar o sentido e o valor da Revolução continua a ser dever de todos os educadores. Mas que eles não lhe liguem nos livros, porque não o sabem na carne, no meio, na opinião sussurrada, é também uma vitória de Abril.

E quando nos gritam que estas conquistas estão em perigo, algumas estarão, mas não por nenhuma perversidade intrínseca do nosso regime democrático que degenera, e sim pelas mesmas razões que por todo o mundo, e muito especialmente na Europa, ameaçam o Estado-Providência e a prosperidade ímpar que se viveu após a II Guerra. E a solução para isso é a que terá de ser encontrada por todas as democracias ocidentais para lidarem com a questão – não só a nossa.

Segue-se que conseguimos. A Revolução portuguesa, que é caso único no mundo, tornaria esse mundo um lugar bem melhor se pudesse ser imitada – no Iraque, por exemplo, e em tantos outros sítios – e a sua maior conquista, a liberdade, essa já ninguém nos tira.

Também é de não esquecer que um dos grupos mais beneficiados com todas estas transformações foram, sem dúvida, as mulheres. Largaram o estatuto de eterna menoridade – da tutela do pai, para a tutela do marido, *chefe de família* – para conquistarem, também, liberdade de movimentos e independência económica, que alcançaram através do ingresso massivo no mercado de trabalho. Neste campo, acredito que está hoje em curso uma verdadeira revolução silenciosa, de que as minhas netas e netos colherão os frutos: a chegada em massa à universidade. Hoje elas estudam, estudam mais que os homens, e até mais tarde. Licenciam-se em muito maior número, não só nas áreas que eram tradicionalmente reducto feminino – a figura da professora primária – mas em todas. Estão a chegar à gestão, à política, à academia, à magistratura. A seu tempo, isso provocará a recomposição da sociedade portuguesa, que era, e já não é, atavicamente patriarcal, e torná-la-á mais igualitária e justa. É certamente um excelente exercício de pedagogia um energúmeno que bate na mulher, ter depois de explicar a uma juíza, como arguido, porque o faz. O resultado beneficiará todos nós, pois acredito que é menos violenta a sociedade onde mais mulheres detenham visibilidade e poder.

Outra irreversível conquista de Abril foi a massificação do Ensino Secundário e Superior, e a sua disseminação pelo País inteiro. E nesse sentido a UBI que ainda se está construindo, é também em parte fruto destes 30 anos de Abril. É certo que a decisão de criar o Instituto Politécnico da Beira Interior foi tomada em 1973 por Veiga Simão, mas talvez as condições que proporcionaram depois a sua transformação em universidade não se tivessem verificado sem a massificação de estudos e o progresso económico e social que se seguiram a 1974. Quantos dos alunos que recebemos e ensinamos chegariam à universidade no tempo da outra senhora? Poucos, muito poucos mesmo. E poderia Portugal ter conhecido todo este desenvolvimento sem escolas, universidades e politécnicos que formassem a mão-de-obra qualificada que deu corpo a essas transformações? Duvidado muito.

A universidade portuguesa, para o bem e para o mal, é também de Abril na sua autonomia e independência do poder político, e isso bem ajudado ao desenvolvimento que conheceu nas últimas décadas.

São estas algumas das muitas razões para celebrar, felizes, orgulhosos e profundamente gratos aos que o sonharam, estes 30 anos de Abril. E de tudo isto de que não há volta atrás, para a frente se fará o caminho, muito naturalmente, ao andar.